

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Julia Biancão Camilotti¹; Michele Fernanda Correa²; Cyntia Grizzo Messenberg Lopes³

¹Aluna do curso de graduação em Pedagogia pela Universidade do Sagrado Coração e-mail: juliacamilotti@hotmail.com; ²Aluna do curso de graduação em Pedagogia pela Universidade do Sagrado Coração e-mail: michele_fc@yahoo.com.br; ³Mestre em Educação. Professora da graduação na Universidade do Sagrado Coração e-mail: cyntiajau@gmail.com

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência, cujo objetivo é demonstrar o processo de preparação, aplicação e avaliação de uma aula na Educação de Jovens e Adultos (EJA), focando relatar as dificuldades encontradas no processo considerando a especificidade dessa modalidade de ensino. Essa vivência aconteceu durante a realização da disciplina de Fundamentos Metodológicos da Educação de Jovens e Adultos no segundo semestre de 2017, a qual tinha como programação quatro encontros na EJA sendo o primeiro, a aproximação com a realidade dos alunos, bem como verificação da infraestrutura da escola, o reconhecimento do Bairro e observação prévia dos alunos, o segundo foi o contato com os alunos e análise de como é constituída a aula da professora efetiva, o terceiro encontro constituiu em análise minuciosa dos alunos com foco nos discursos e palavras mais utilizadas por eles, por fim o quarto encontro foi a aplicação do plano de aula desenvolvido a partir das palavras geradoras.

Palavras-chave: Relato de experiência. EJA. Palavras geradoras.

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), é uma segunda oportunidade de ensino para pessoas que não puderam realizar a educação básica na idade certa, por diversos motivos, como: trabalhar para ajudar os pais, cuidar dos irmãos, entre outros. O reconhecimento da privação da educação escolar formal a esses jovens e adultos não faz deles tabula rasa, ao contrário, esses sujeitos carregam para o âmbito escolar inúmeros saberes e conhecimentos significativos, apropriados e construídos ao longo de sua trajetória de vida. Muitas dessas vivências e aprendizados, inclusive, foram construídos ou são oriundos das suas experiências no mundo do trabalho, o que traz uma nova e mais ampla perspectiva para o trabalho pedagógico e para a educação básica, vislumbrada como educação comprometida com a vida (FREIRE, 2005, p. 7). Os sujeitos que frequentam a EJA na sua maioria são, pobres, negros, de baixa renda que estão em busca dos seus direitos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional promulgada em 20 de dezembro de 1996 trata a Educação de Jovens e Adultos em dois artigos: 37 e 38:

Art. 37. A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Ainda nesse artigo, a Lei garante que os sistemas de ensino assegurarão o ensino para jovens e adultos gratuitamente, considerando seus interesses, sua condição de vida e de trabalho. Além disso, é obrigação do poder público assegurar o acesso e a permanência dos trabalhadores na escola, articulando a educação profissional sempre que possível. No artigo seguinte é possível observar que:

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

A Constituição Federal no capítulo III da Educação, da Cultura e do Desporto, na Seção I da Educação, fala da Educação de Jovens e Adultos no artigo 208:

“Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.”

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em relação ao EJA não dá orientações específicas sobre essa modalidade, assim deixando que os estados e municípios fiquem responsáveis pelas adaptações e adequações de ensino.

Paulo Freire se dedicou a educação, mas em especial a educação para os adultos, Freire não se baseia somente em um método de alfabetização, mas também em mostrar as educandos sobre a sociedade onde todos são livres.

As palavras geradoras e o método de Freire divide-se em cinco fases. A primeira fase inicia por um levantamento do vocabulário dos educandos, as palavras que estão sendo buscadas, as palavras geradoras devem conter um sentido existencial para os educandos. A segunda fase constitui na seleção das palavras de acordo com critérios fonêmicos e no teor pragmático da palavra. Na terceira fase, o educador expõe ao grupo de educandos às situações-problemas como um desafio a ser decodificado e trabalhado em diálogo entre eles. Na quarta fase, os coordenadores irão elaborar as fichas-roteiro, que os auxiliarão no debate com o grupo; as fichas não devem consistir em prescrições, mas apenas em apoio. A quinta fase é a construção de apresentações contendo palavras geradoras em decomposição com seus vocábulos geradores. A partir da apresentação dos vocábulos, os educandos irão refletindo sobre as possibilidades e escrevendo as primeiras palavras em seu ato libertário. Esse método ocorre através do diálogo em rodas de conversa.

A concepção de educação proposta por Freire é uma educação que tem como ponto de partida os saberes do educando, mas não se estaciona neles, extrapola-os no sentido de o homem ler a palavra significativa, ler o mundo, ou seja, uma educação que se baseia e se dá pela construção do conhecimento pela dialogicidade (FREIRE, 2005).

Este trabalho justifica-se pela necessidade de vivenciar aquilo que é aprendido na universidade, assim segundo Paulo Freire, o ensinar acontece junto com a prática, porém, um professor nunca deve tentar ensinar sem consciência da necessidade de estudar sempre.

O objetivo principal é demonstrar o processo de preparação, aplicação e avaliação de uma aula na Educação de Jovens e Adultos (EJA), focando relatar as dificuldades encontradas no processo considerando a especificidade dessa modalidade de ensino.

Nossas hipóteses são desenvolver uma aula prática na qual aborde questões estudadas em sala de aula baseando-nos na teoria de Paulo Freire. Encontrar poucos alunos na sala de aula.

2. METODOLOGIA

A vivência foi realizada em uma escola municipal, na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, em São Paulo. Ela pode ser caracterizada de acordo com a abordagem qualitativa. A qual inclui a obtenção de dados descritivos a partir do contato direto e interativo do pesquisador com os participantes ou com a situação objeto de estudo.

Essa vivência foi dividida em quatro encontros, o primeiro foi a aproximação com a realidade dos alunos, bem como verificação da infraestrutura da escola, o reconhecimento do bairro e observação prévia dos alunos. Os alunos são pessoas que tem em média 40 anos, são trabalhadores braçais e alguns são aposentados, porém ainda trabalham para complementar sua renda, metade é de mulheres e a outra metade são homens, muitos sentiram dificuldades na vida profissional por serem analfabetos por isso procuraram a escola, outros foram incentivados por familiares e a maioria não mora na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo-SP, eles moram em cidades vizinhas que não tem salas de EJA, e vão para escola de ônibus todos os dias.

No o segundo encontro foi o contato com os alunos e análise de como é constituída a aula da professora efetiva, quais as atividades que ela propõem, como auxilia os seus alunos, como os alunos reagem e fazem as atividades.

O terceiro encontro constituiu em análise minuciosa dos alunos com foco nos discursos e palavras mais utilizadas por eles, é muito comum observar eles conversando sobre trabalho, salário, férias, aposentadoria, comida, receitas, trabalhos domésticos, e também falam sobre suas angustias e experiências.

O último encontro foi a aplicação do plano de aula desenvolvido a partir das palavras geradoras. Nesta aula proposta destacamos o seguinte objetivo: propor para os diferentes níveis encontrados, reflexão sobre aquilo que está sendo registrado pela escrita.

Propomo-nos a trabalhar na primeira parte da aula com textos, receita com os alunos de do 1º e 2º ano e lei com o 3º, 4º e 5º ano. Destacamos o valor da escrita e da leitura, além da reflexão sobre esses gêneros, utilizando como texto base um trecho da CLT, foi realizada a leitura compartilhada do texto e em seguida, discutimos do que se tratava e quais a implicações daquele texto na vida profissional. No segundo momento da aula preparamos contas simples de adição e subtração, para o 1º e 2º ano, elencando o texto proposto no primeiro momento, para os alunos do 3º, 4º e 5º ano trabalhamos com problemas relacionados ao assunto estudado no texto do primeiro momento, esses problemas exigiam contas de adição e subtração.

Pedimos para que os alunos do 1º e 2º ano fizessem de forma coletiva uma receita de feijoada, no primeiro momento questionamos sobre o que contém uma feijoada e pedimos para que eles grifassem, no papel entregue com vários ingredientes, o que é colocado na feijoada. Para os alunos de 3º, 4º e 5º ano foi entregue holerites e pedido para que grifassem os salários e os descontos, também foi passado problemas matemáticos para que eles utilizassem o holerite como base para entender os descontos e vencimentos de um trabalhador.

Realizamos a aula de forma expositiva e dialogada, utilizamos a lousa como apoio, levamos materiais como textos e holerites para completar a proposta e atingir o objetivo da aula.

A avaliação foi realizada de forma individual propondo respostas sobre as reflexões do texto e respostas sobre os problemas matemáticos e as contas. Passamos na carteira de cada aluno para verificar as respostas, podendo corrigir as respostas e explicando a correção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percebeu-se que os alunos que frequentam a EJA são trabalhadores braçais e na maioria dos casos são aposentados, porém ainda trabalham para complementar sua renda, eles têm em média 50 anos, metade são mulheres e a outra metade são homens, grande parte da sala sentiu dificuldade na vida profissional por ser analfabeto por isso procuraram a escola, outros foram incentivados por familiares. Foi notada muita dificuldade em entender aquilo que estão lendo e aprendendo, bem como fazer relação com o contexto que esses textos estão inseridos.

É muito comum observar que eles conversam sobre trabalho, salário, férias, aposentadoria, comida, receitas, trabalho doméstico, etc.

Observou-se companheirismo e cumplicidade entre eles, presenciamos momentos em que aqueles que já conseguiram fazer a tarefa vão até o colega que esta com dificuldade. O mesmo comportamento de respeito e gratidão notamos dos alunos com relação a professora.

Durante a aproximação observamos que eles gostam de dividir suas angústias e experiências, também gostam de saber sobre nossas famílias e onde moramos, não foi difícil aproximação já que eles se vieram até nós no primeiro encontro, para essa aproximação acontecer sentamos com eles durante os intervalos e procuramos conversar fora da sala para não atrapalhar a aula.

Notou-se que a professora questionava a condição social que vivemos e as relações de trabalho, eles tem consciência da sua condição social, mas não questionam e nem refletem.

No ultimo encontro, o qual foi aplicado o plano de aula desenvolvido, no primeiro momento da aula, com os alunos do 1º e 2º ano foi bem agitado, todos participando ativamente e tirando muitas duvidas sobre a escrita. O 3º, 4º e 5º ano foram mais silenciosos, eles leram em voz alta, porem um de cada vez, fizeram questionamentos de maneira mais organizada.

Durante a discussão da CLT e da reforma trabalhista, todos os alunos participaram, percebeu-se que assim como a maioria da população, eles têm muitas duvidas e reproduzem boatos.

Todos os alunos participaram do primeiro momento, duas alunas sentiram muita dificuldade durante a leitura e escrita das palavras relacionadas com a receita, mas a professor nos alertou dessa dificuldade, notou-se que os alunos sentem vergonha e medo de questionar seus holerites e seus direitos trabalhistas, notou-se que o momento de discussão do texto foi utilizado para esclarecer dúvidas que persistem por anos, nesse sentido percebeu-se certa comodidade com relação ao saber trabalhista, ou seja, são pessoas que trabalharam a vida todo sem saber o valor do seu trabalho. Alguns assuntos colocados em pauta foram: INSS, reforma trabalhista, férias, descontos sindicais, salário liquido e bruto, salário base e relação empregado-empregador. Alguns alunos gostam de falar mais que outros, mas quando questionados todos participam. Apenas um aluno pediu para não ler em voz alta (relatou que não se sente a vontade), mas respondeu todos os questionamentos.

Já no segundo momento, foi difícil perceber quem participou da atividade porque os alunos tinham pressa para ir embora, a sala ficou bem agitada. Quando os alunos receberam as

instruções da atividade, a maioria fez rapidamente e não esperou a correção, outros foram embora e poucos ficaram intetidos com o tema e a atividade, percebemos curiosidade sobre o tem proposto, porém a falta de afinidade com a matemática, todavia, a professora relatou sua percepção positiva sobre a proposta, ainda justificou que tenta trabalhar em ritmo desacelerado no segundo momento para que os alunos não se retirem.

4. CONCLUSÕES

Concluiu-se que trabalhar com algo concreto com significado para os alunos permite uma melhor compreensão do conteúdo levando-os a questionar e refletir e não apenas copiar o que está escrito na lousa, assim como pregava Paulo Freire quando desenvolveu seu método.

Também percebemos que o cansaço do trabalho durante o dia atrapalha o aprendizado, a vontade de ir embora e descansar atrapalha a conclusão da aula, dessa forma é comum perceber que eles nunca terminam as atividades do segundo momento da aula e levam para a professora corrigir no dia seguinte.

É notório o problema com a evasão de alunos da EJA, são inúmeros os motivos, portanto o professor deve ser um constante motivador em sala de aula, e utilizar ferramentas para atrair e manter esse público. É importante o professor da EJA saber que essas ferramentas utilizadas são diferentes das utilizadas na educação infantil e ensino fundamental I, conforme relata Paulo Freire (1996) não há docência sem discência, o professor vai aprender com a pratica e com os alunos, porém jamais deve ir desprevenido para sala de aula, ensinar exige rigorosidade metódica e muita pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

FONTOURA.J. **Falta de Diretrizes para EJA na Base Nacional Comum Preocupa Educadores**. Revista Educação. Edição 242. 2017. Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/falta-de-diretrizes-para-eja-na-base-preocupa-educadores/>. Acessado em: 25. MAR.2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.